



Períodos Históricos da Filosofia

O Período Pré-socrático

Mesmo antes que Sócrates caminhasse pelas ruas de Atenas, lá pelo século V a.C., outros já antecipavam o início do pensamento racional por meio de suas ideias a respeito de como se constituía o mundo em que habitavam. Na história da Filosofia, este período ficou conhecido como Pré-Socrático justamente por anteceder o aparecimento de Sócrates.

O período Pré-Socrático também pode ser chamado de Cosmológico. A palavra "Cosmológico" ou "Cosmologia" é composta por duas outras palavras de origem grega, "Cosmo" e "logos". A primeira significa "organização", "sistema", ou "conjunto de tudo o que existe"; em outras palavras, significa "Universo". Por sua vez, "Logos" é usada para designar "palavra" ou, mais propriamente, "ação" ou "estudo sistematizado". Podemos concluir disso que "Cosmologia" significa, de maneira aproximada, "estudo do universo", "estudo de tudo o que existe" ou "estudo da ação", "estudo da dinâmica da organização".

No período cosmológico, os filósofos estavam preocupados em desvendar o mistério da composição da matéria e de sua menor parte, conhecida pelo nome de átomo, que, em grego, quer dizer "aquilo que não pode ser dividido". Nesses tempos remotos, a única ferramenta de que dispunham para esta investigação era a especulação filosófica; eles não dispunham de microscópios ou de qualquer outros equipamentos de medição atualmente disponíveis nos laboratórios de física. De fato, o único recurso de que dispunham era a Razão.

Muitos deles chegaram à conclusão de que toda a matéria era feita de pequenas partes que não poderiam ser divididas de modo que, conhecendo e compreendendo a dinâmica destes pequenos elementos, então se poderia criar uma teoria que fosse capaz de explicar tudo que fosse feito deste elemento. Assim, para se explicar o universo, bastaria conhecer aquilo que seria o seu componente mais primordial, o átomo. Podemos compreender esta perspectiva filosófica se partirmos do seguinte raciocínio metafórico: para entendermos, de fato, o que é uma casa, precisamos entender o que são os tijolos e a maneira como eles são dispostos para formar a casa.

Disto que mencionamos podemos já tirar algumas conclusões rápidas para compreendermos melhor como funcionava o pensamento dos filósofos pré-socráticos: de início, sabemos que eles optaram por explicações racionais e sistematizadas sobre a natureza; assim, negavam explicações do tipo supersticiosa e acreditavam que precisavam organizar suas ideias de maneira a deixá-las claras para quem fosse fazer uso delas.

Ainda assim fica muito difícil sabermos quão racionais e claras eram estas ideias na medida em que não sobrou muita coisa escrita a respeito, tudo o que sabemos sobre eles deriva de pequenos fragmentos de textos comentados por filósofos que viveram em um período posterior da história, como foi, por exemplo, o caso do próprio Sócrates, que gostava muito de comentar alguns dos filósofos pré-socráticos.

Também sabemos que eles não acreditavam que o Universo pudesse ter sido criado do nada. Diziam eles que do nada, nada sairia. Já na mitologia do povo judeu podemos notar a crença no contrário disto, que justamente todo o Universo fora criado a partir do nada. Contudo, para os pré-socráticos, o universo é eterno, isto é, sempre existiu, de modo que ele nunca poderia ter sido criado.

Uma das características deste universo eterno, sem começo e sem fim, é um movimento igualmente sem fim de tudo que nele existe. Este movimento pode ser observado na constante mudança e transformação física de todos os corpos. Nos corpos animados, os seres vivos que nascem, crescem e morrem; mas, também, podemos observar o movimento nos corpos inanimados como as pedras, as

montanhas, os rios, a natureza em geral. Ainda que a pedra não se mexa por si mesma, ela também está à mercê do tempo que a gerou e que irá desintegrá-la um dia.

Os pré-socráticos imaginaram que todas as coisas possuem, portanto, uma essência invisível para o olho e que faz com que uma pedra seja dura. Que um pedaço de madeira flutue. Que a água da chuva, assim com a dos rios, tende sempre a buscar os lugares mais baixos do terreno, que o fogo gere calor e queime etc. A existência dessa essência nas coisas, fazendo com que cada objeto se comporte destas maneiras características, não pode ser vista com os olhos, mas pode ser pensada por meio de hipóteses e recebe o nome grego *Phisis*, que, posteriormente, será traduzido por "Física", ou "Físico".

Assim, tudo que tiver por essência a *Phisis* é finito em número e possui formas variáveis, porém ela, enquanto tal, é infinita e amorfa, isto é, sem forma. Por exemplo: se tivéssemos tempo e paciência, seríamos capazes de recolher todas as canetas do mundo e armazená-las em um grande galpão. Ainda que todas as canetas do mundo sejam muitas e de diversos tamanhos, formas e cores, o seu número não é infinito.

Porém a essência de uma caneta, a ideia que faz com que eu dê este nome "caneta" a um objeto de forma, cor e tamanho variado, e que por acaso seja usado convenientemente ou não para escrever qualquer coisa, com o uso de tinta, isto os pré-socráticos chamavam de essência e ela não possui nem forma, nem tamanho, nem cor - também não possui número. É esta essência que permite que eu chame objetos tão diferentes pelo mesmo nome: seja uma caneta comum usada para escrever, seja uma caneta desenhada por uma criança em um papel qualquer.

Só sei que nada sei

Conta a história que, caminhando por Delfos, na Grécia, Sócrates se depara com o templo de Apolo e lê o seguinte numa inscrição: "Conhece-te a ti mesmo". Impressionado com a força do significado destas palavras, resolve que sua vida será dedicada a este fim, ou seja, investigar a fundo os próprios pensamentos.

Conta outra história que, neste mesmo templo ao deus Apolo, lhe foi dito que ele era o homem mais sábio que já existiu. Contrafeito com esta afirmação e convencido da sua profunda ignorância a respeito de tudo, resolve verificar por si mesmo interrogando os homens que eram considerados mais sábios que ele a respeito da natureza do bem, do bom, do belo, da honra, da justiça. Acontece que toda vez que interrogava um destes sábios constatava que eles também não sabiam realmente nada acerca destas coisas, mas apenas acreditavam saber.

A cada vez que isto acontecia, percebia que ele era mais sábio que cada um destes homens e que o oráculo de Delfos se realizava pois ele, pelo menos, sabia que nada sabia, enquanto que as pessoas que ele entrevistava acreditavam saber algo quando, de fato, não sabiam. Sócrates afirmou, então, que, se um homem tem ciência que é ignorante, ele é mais sábio que aquele que não sabe disto. Seu lema era "Só sei que nada sei." E este era o pontapé inicial para cada discussão que travava com quem quer que fosse. Assim, ele se atribuía a função de mostrar, a quem quer que estivesse dialogando, que esta pessoa apenas acreditava saber algo quando, na verdade, não sabia.

Nestes tempos, a Democracia, enquanto regime político de governo, estava começando a ganhar força e as formas de educação anteriores, baseadas nos atos de bravura, força e heroísmo, não serviam mais. O que valia para a democracia era a habilidade do discurso, do convencimento, já que as decisões não eram mais tomadas com base na honra dos feitos heroicos particulares praticados nas guerras, mas com base na crença do bem comum, o que era exposto com um discurso bem articulado em lugar público de debate. Portanto, na democracia, a espada cedeu seu lugar à palavra no momento da decisão.

Aproveitando-se deste momento, alguns homens, intitulados sofistas, se encarregavam da educação da oratória e da retórica para os jovens em troca de dinheiro. E isto era bastante sensato, pois o homem de valor, aquele que se destacaria na sociedade democrática grega, seria o que conseguisse convencer pelo uso habilidoso da palavra. Porém Sócrates verificou que a habilidade de convencer as pessoas estava acima de tudo - para ele, os sofistas ensinavam uma retórica vazia já que tanto fazia se o que era dito correspondia à crença na verdade.

Nos muitos debates que este filósofo travou com os sofistas, o ponto crucial era mostrar que acima das opiniões particulares que cada um pudesse ter acerca das disposições humanas, como a beleza por exemplo, se localizava aquilo que os Pré-Socráticos chamavam de essência. Esta essência correspondia, para cada objeto, o conhecimento verdadeiro que se pudesse ter acerca dele.

Assim, por exemplo, considere alguém belo enquanto esse mesmo alguém é considerado feio por outra pessoa. Isso independe da Ideia (da essência) do Belo que não pode ser vista pelos olhos, mas somente tomada como uma hipótese da Razão. Em outras palavras, Sócrates acreditava que, para reconhecermos alguém como belo ou como o seu contrário, o feio, existia a necessidade de que houvesse uma Ideia do Belo e que pudesse ser pensada por todos. Sem essa Ideia não poderia ser possível, segundo ele, termos opiniões particulares sobre a beleza ou sobre a feiura das pessoas.

Assim, segundo a filosofia de Sócrates, enquanto as pessoas nasciam com a beleza natural da juventude e iam se transformando em velhos não tão bonitos, é porque esta beleza física é apenas uma representação, uma cópia que se corrompe com o tempo, da Ideia do Belo que nunca muda, que é sempre a mesma, e que habita em outro mundo: o mundo das ideias.

Assim também ocorre com tudo o que se puder imaginar: a justiça, a honra, a felicidade etc - cada um destes conceitos possuindo duas categorias, a da existência sensível e a da existência inteligível. A existência sensível é a que pode ser percebida com os olhos, com o nariz, com as mãos, com os ouvidos ou por meio do gosto; mas a existência inteligível só pode ser percebida com o pensamento articulado pela Razão.

Para entender melhor, tomemos um exemplo, o do número "1". O número "1", ou qualquer outro número, possui diversas representações diferentes. Ele pode ser representado por "I", ou por "1", ou, ainda, por "1". Existem infinitas maneiras diferentes de representar o número "1", porém o que Sócrates queria mostrar é que existe apenas uma ideia para ele. Esta ideia não pode ser vista, tocada ou ouvida e, por este motivo, inventamos desenhos como estes para representá-la.

Por sua vez, Sócrates entendia que a verdade só pode ser expressa quando relacionada com a categoria incorruptível da Ideia, da essência; enquanto que, toda vez que mencionamos exemplos particulares em nossos argumentos para explicar o que fosse o belo, ou o bom etc, estaríamos, na verdade, afirmando opiniões variadas sobre o mundo e que, portanto, não correspondem, necessariamente, a nada verdadeiro.

O Período Antropológico

A filosofia Socrática marca um momento também conhecido por Período Antropológico. Mais uma vez temos uma palavra de origem grega composta por outras duas: Antropos e Logos. Já sabemos que Logos significa ciência ou estudo de determinado assunto; Antropos significa Homem, no seu sentido genérico, marcando a qualidade de Ser Humano enquanto espécie destacada das demais. "Antropológico" ou "Antropologia" resulta em ciência ou estudo do homem e de suas qualidades intrinsecamente humanas.

Enquanto os pré-socráticos estavam preocupados em definir a essência da natureza, a phisis, Sócrates estava preocupado com questões absolutamente relacionadas às qualidades humanas. Portanto, a justiça, a honra, a beleza, a bondade, não são qualidades que se encontram na natureza, não possuem a phisis como sua essência. São, na verdade, qualidades estritamente relacionadas com a capacidade de julgar do ser humano. Assim, por exemplo, se uma pessoa acha uma paisagem bonita, a beleza desta paisagem não está nela mesma, mas no julgamento daquele que assim a considera.

Deste modo, a natureza não pode ser nem bela nem feia, nem justa nem injusta, nem boa nem má. A natureza apenas contém objetos físicos que, para Sócrates, não passavam de cópias defeituosas das ideias que são perenes e que habitam um mundo que só pode ser visitado pelo espírito racional.

Assim, se desloca o eixo das investigações filosóficas da natureza para o homem. Enquanto os Pré-Socráticos pretendiam entender e explicar o universo por meio da compreensão de sua essência atômica, os

elementos, Sócrates pretendia conhecer o universo a partir daquele que o pensa, por meio da essência humana que ele acreditava ser a Razão ou o Espírito.

Outra característica bastante intrigante da filosofia de Sócrates é que ele nada escreveu acerca disto tudo que comentamos. Sabemos de seus pensamentos por seus discípulos, que se encarregaram de escrever, na forma de Diálogos, as suas teorias sobre o mundo. Como já sabemos, o discípulo mais famoso de Sócrates foi Platão. Este escreveu muitos Diálogos, nos quais encontramos o personagem Sócrates colocando seus adversários intelectuais em situações muito difíceis.

Num dos Diálogos mais marcantes escritos por Platão, Apologia de Sócrates, encontramos Sócrates sendo julgado e condenado à pena de morte por ameaçar a democracia grega com suas ideias. Mesmo com a possibilidade de fugir, Sócrates se recusa e prefere acatar a sua condenação bebendo cicuta (um tipo de veneno). Por fim, morre dizendo que somente o seu corpo perece, mas que seu espírito retorna para o mundo inteligível para contemplar, mais uma vez, as ideias eternas que lá habitam. A vida de Sócrates, portanto, se confunde com a sua filosofia, tornando-se, ele próprio, um exemplo daquilo que mais acreditava.

Por sua vez, Platão não é um simples escrevente. Ele também colocou, em suas obras, ideias que são atribuídas somente a ele e não a Sócrates, porém sempre muito influenciado pela vida e pelas ideias de seu mestre, cuja maneira como morreu muito o abalou. Tanto foi assim que a política se tornará um dos temas mais centrais da filosofia de Platão.

Platão escreveu um livro intitulado A República, no qual trata das questões de um Estado perfeitamente governado. Para ele, um tal Estado só existia enquanto quimera, enquanto utopia, pois, para que fosse perfeitamente governado, seria necessário que ou o Rei se tornasse Filósofo ou o Filósofo se tornasse Rei. Assim, ele defendia uma espécie de monarquia efetuada por filósofos, já que a democracia havia matado Sócrates. Para Platão, o Rei ou o Filósofo, nesta monarquia, deveria seguir mais ou menos o exemplo de Sócrates. Platão acreditava tanto nisto que por duas vezes foi à cidade de Siracusa para convencer o tirano Dionísio e, em um segundo momento, Dionísio II, sobre suas ideias de um Estado Ideal, mas fracassou sempre.

Para Platão, a geometria era a maneira mais fácil de se entender o mundo inteligível a que Sócrates fazia referência. A tradução das formas geométricas em números era a prova de que eles possuíam a característica da necessidade e da universalidade que sempre deveriam estar presentes nas verdades apregoadas por Sócrates. Assim, um triângulo sempre seria um triângulo, independente se era reto ou agudo. Assim como todo quadrado sempre deveria possuir quatro ângulos iguais e, se dividido ao meio por uma reta, sempre se obteria ou dois triângulos ou dois retângulos. E um triângulo e um quadrado não se tornam outra coisa ao serem vistos por mim ou por você, ou por qualquer um.

Platão fundou então a sua academia onde ensinava filosofia baseado nos preceitos geométricos euclidianos de espaço, ponto, reta, circunferência. Percebemos em Platão um dos primeiros grandes educadores, que se identificava com um tipo de pedagogia própria e sistematizada, voltada para um fim quase político de educação, baseando-se na filosofia e influenciando, sobremaneira, o pensamento ocidental.

O Período Sistemático

Após Sócrates e Platão, vemos aparecer Aristóteles no cenário filosófico e, com ele, o Período Sistemático. Aristóteles foi um grande sistematizador, organizador do pensamento. Foi a ele atribuída uma das primeiras divisões e compartimentações da filosofia em campos, como a Filosofia Natural, a Lógica, a Ética, a Metafísica, a Política e a Estética. Platão e Sócrates, como pudemos observar nas outras aulas, já discutiam sobre estes assuntos, mas eles ainda se confundiam uns com os outros. Devemos a Aristóteles o empenho em separá-los e organizá-los segundo regras mais precisas.

Assim, em seu livro "Organon", palavra grega que quer dizer "instrumento", Aristóteles fala sobre a lógica e como ela deve ser uma ferramenta para a filosofia. A lógica fornece a possibilidade de tornar

qualquer discurso mais claro e preciso, de modo a se evitar erros de interpretação, como os famosos "malentendidos". O Discurso pode ser dividido em forma e conteúdo. As formas podem ser palavras como "cadeira", "mesa" etc, e que também podem ser chamadas de sinais; o conteúdo, geralmente, é aquilo que queremos significar com estas palavras ou sinais "um objeto utilizado para se descansar", "um objeto utilizado para se repousar, o prato de comida na hora da refeição".

Tanto mais claro e preciso será o discurso quanto melhor se souber associar determinados conteúdos a determinados sinais, encaixar os conteúdos nas formas. Neste sentido, quanto melhor se souber fazer isto, tanto mais próximo da expressão máxima da verdade se estará. Vê-se que Aristóteles não concorda com a definição de verdade de Sócrates e Platão como uma ideia que está fora do mundo físico. Para ele, estaremos diante da Verdade quanto melhor pudermos traduzir o mundo físico por meio de nossas descrições.

Deste modo, ele se empenha, em sua filosofia natural, em descrever os diversos organismos vivos com que se depara, estabelecendo suas semelhanças e diferenças, classificando-os segundo a sua espécie. A essência de um ser, para Aristóteles, é aquilo que o faz pertencer a uma determinada espécie, a uma determinada categoria. Assim, o bem-te-vi é um pássaro pois, em sua descrição, encontramos elementos que se encaixam na categoria de pássaros e não, por exemplo, na categoria de cadeiras.

Não existe nenhuma ideia perfeita de Bem-te-vi em um mundo separado, inteligível, em relação ao qual cada um dos bem-te-vis de um local são cópias imperfeitas como queriam Sócrates e Platão. Existem apenas os bem-te-vis, que cantam nas árvores, e a essência deles é a descrição da soma de todas as qualidades que os tornam bem-te-vis. A essência de uma cadeira é a descrição precisa da soma de todas as qualidades de certos objetos utilizados para se sentar e que os insere na classe das cadeiras; assim, o mesmo raciocínio funciona para todos os objetos do mundo.

Aristóteles também se viu impelido a falar um pouco sobre aquilo que fazia com que cada coisa ocupasse uma posição na natureza e, segundo esta posição, executasse um determinado movimento. Ele se viu impelido a falar sobre as causas das coisas serem como são em suas obras sobre a metafísica, sobre a ética e a estética. Na verdade, o problema central em cada uma era explicar o movimento que parecia existir em tudo e, ainda, salvar a verdade como algo que não é uma metamorfose constante.

Para explicar isto, ele admitiu que o ser, a existência, poderia se dar de duas maneiras: a primeira enquanto ato, enquanto existência física propriamente dita; e a segunda como potência, isto é, como uma possível existência física futura. Assim, uma cadeira existe em ato, pois sentamos nela. Ela está realizando uma de suas disposições que é permitir o ato de alguém descansar nela - e é por isto que ela se enquadra na categoria de cadeira. Mas ela pode atualizar uma qualidade que está somente em potência como, por exemplo, servir, futuramente, de lenha para fogueira (se ela for feita de madeira, obviamente). Neste sentido, ela também é, em potência, lenha de fogueira e, se um dia ela concretizar esta possibilidade, executou-se um movimento sem que a verdade sobre a cadeira se tenha modificado. Desde o início já era verdade que ela era uma cadeira em ato e lenha de fogueira em disposição.

O movimento, qualquer que ele seja (uma decisão, um pensamento, o envelhecimento, o nascimento, um assassinato, uma pedra rolando ladeira abaixo, um beijo etc), qualquer ação, é a efetivação de algo que já existia em potência. A conclusão que se pode chegar é que a existência, em sua totalidade, já está dada, mas apenas parte de suas disposições se efetivou. O movimento de tudo que existe é esta constante efetivação da existência.

O Período Helenístico

Aristóteles, seguindo a tradição de Platão, também se preocupou bastante com o ensino. Foi convidado para educar o filho do governante da Macedônia no ano de 343 a.C. Este se chamava Alexandre e, mais tarde, ficou conhecido pela alcunha de "Alexandre, o Grande", devido às suas enormes conquistas pela África e Ásia, espalhando incrivelmente seu império, chegando a dominar a própria Grécia. Foi graças à assimilação e disseminação da cultura grega pelo império de Alexandre, na Ásia e na África, que se possibilitou o florescimento do período helenístico.

Quando Alexandre subiu ao trono, após a morte de seu pai, Aristóteles volta à Atenas e funda sua própria escola com o nome de Liceu. Lá dedica-se ao ensino do que hoje se chamariam as diversas ciências, mas sempre voltado para explicações que tentavam dar conta de um aspecto mais amplo de compreensão filosófica do mundo que a simples taxonomia.

Posteriormente, a Grécia sai do domínio dos macedônios para cair no domínio dos romanos. Os Romanos também integraram, em sua própria cultura, a cultura grega, o que ajudou a difundir e assentar firmemente, com o aumento de seu grandioso e longo império, os ideais helênicos. Todas as manifestações culturais que resultaram daí, as artes plásticas e dramáticas, a filosofia, o direito, a política, a poesia, a arquitetura, a engenharia etc. ainda estão presentes nos dias de hoje.

Os filósofos deixam de ser cidadãos gregos e se tornam cidadãos do mundo, cidadãos cosmopolitas (cosmo = mundo; polis = cidade), e a filosofia, que nasceu no berço grego, espalha-se, aumentando as fronteiras do conhecimento ao mesmo tempo em que aumenta as fronteiras físicas do mundo conhecido.

No que diz respeito a esta filosofia cosmopolita, vemos aparecer duas tradições, entre outras, com características próprias bastante definidas: o Estoicismo e o Epicurismo. Estas duas escolas tentaram, cada uma a seu modo, dar conta de aspectos muito gerais da natureza humana, principalmente aqueles relacionados à ética, ou seja, aos fundamentos crítico-teóricos do comportamento humano.

Geralmente, a ética trata do bem e do mal, porém estamos falando da teoria crítica a respeito do bem e do mal, a qual não se relaciona, necessariamente, ao entendimento que a religião ou que o senso comum faz destes dois conceitos. Assim, cada uma destas escolas tentava justificar suas conclusões sobre o bem e sobre o mal de maneiras divergentes.

Assim, por exemplo, os estoicos acreditavam que havia uma necessidade extra-humana que perpassava tudo que havia na criação, na natureza, inclusive no próprio homem. Assim, não havia espaço para o acaso, para o acidente, tudo obedecia a uma ordem natural que não poderia ser modificada pelo desejo. As ações humanas também tinham um lugar nesta ordem e tanto melhor poderíamos nos conduzir diante da vida quanto mais se soubesse o quão pouco se pode decidir sobre ela.

Por outro lado, encontramos uma tradição bem diferente do Estoicismo, o Epicurismo. Para os epicuristas, a natureza deixa grandes portas abertas no que diz respeito às decisões. De modo que se pode optar por caminhos diferentes ao se tomar decisões diferentes. Basicamente se pode escolher entre viver uma vida de dores e resignação, como a vida estoica, ou escolher viver uma vida de prazeres por meio da exultação dos sentidos. Para os epicuristas, a vida será tanto melhor quanto mais prazeres se obtiver, conseqüentemente quanto mais desprazeres se evitar, sempre por meio das decisões acertadas.

O bem e o mal assumem valores bastante diversos dependendo da tradição moral que se presume adotar, epicurista ou estoica. Assim, a liberdade de pensamento ganha uma proporção bem grande na medida em que não fica restrita a dogmas do tipo "O agir bem é assim ou assado e o agir mal é assim e assado". Geralmente, vemos afirmações categóricas deste tipo nas diversas religiões, porque o princípio destas religiões é a aceitação com base na fé e não com base na argumentação racional. Notamos, de maneira bastante clara, então, que a filosofia, ainda que se aproxime da moral e da religião para estudá-la, não pode ser confundida com ela e nem defensora, sem mais nem menos, de seus preceitos.

O Cristianismo

A partir do século I da era cristã, houve um fenômeno bastante interessante com a filosofia. Os divulgadores do cristianismo, Paulo e João, já apregoavam a boa nova pelo mundo e esta se espalhava com grande velocidade, principalmente nas camadas populacionais pobres de Roma. No início, lá aconteceu uma das maiores perseguições religiosas de que se tem notícia até os dias do holocausto dos judeus, pelos alemães, durante os anos de nazismo. Posteriormente, Roma assumiu o cristianismo como religião oficial do Império, apaziguando os ânimos de todos e difundindo-a por todo o mundo.

Mas, para que houvesse esta aceitação, algumas concessões tiveram que ser feitas. As pessoas não abandonariam suas velhas crenças, em troca de uma nova, simplesmente porque assim o imperador queria.

Era necessário, portanto, realizar uma tentativa de conciliação entre os antigos cultos pagãos com a nova religião. Esta conciliação muitas vezes se deu pelo uso da força. A partir de Roma, que desde então até os dias de hoje ainda abriga a sede de igreja católica, o poder dos homens representado pelo imperador (o poder temporal) se misturou com o poder divino por meio de seu intermediário na terra, o Papa.

A partir disto, a igreja acumulou muitas riquezas sob muitos pretextos diferentes e, com esta riqueza, um poder considerável sobre imperadores e impérios. A igreja organizou exércitos e se pôs em marcha sob o pavilhão da cruz de cristo, esquecendo-se um pouco daqueles antigos ideais de convívio pacífico entre os semelhantes. O cristianismo, sob muitas formas, passou de perseguido a perseguidor e as Cruzadas (guerras santas no Oriente) e a Santa Inquisição (tribunais religiosos) foram apenas algumas de suas ações mais famosas na tentativa de empurrar à força o cristianismo na garganta de muita gente.

Porém, os filósofos não são homens de muita ação, preferem a teoria à prática, de modo que, na filosofia, a tentativa de realizar o concílio entre cristãos e não cristãos se deu por meio da ponderação racional. Um dos mais famosos pensadores deste período filosófico, que também é chamado de Patrístico por alguns, foi Santo Agostinho.

Nas suas duas principais obras, "A cidade de Deus" e "Confissões", os temas são sempre a discussão, quase teológica, a respeito dos preceitos da igreja. Temos, por exemplo, o dogma da criação do mundo, que é afirmado pela Igreja Católica, mas que não é uma ideia muito fácil de aceitar por alguns povos antigos. Assim também ocorre com a ideia do pecado original, com a de uma trindade una, a ideia da encarnação e da morte de Deus, a do juízo final, ou mesmo a ideia da responsabilidade humana pelo mal na Terra. Isto sem mencionar a própria noção de Dogma, que são verdades apenas transmitidas e que não permitem qualquer explicação.

Assim, podemos condensar as principais discussões deste período, que também pode ser chamado de período medieval na filosofia, como três diferentes possíveis respostas à pergunta: "Posso conciliar a Fé religiosa e a Razão?" ou, "Posso explicar a Fé pela Razão e a Razão pela Fé?"

Resposta 1 - Não. A Fé se coloca num patamar superior ao da Razão. A Fé se encontra num plano divino e, por este motivo, não possui as imperfeições do plano humano, onde se localiza a Razão humana. "É irracional, por isto eu creio."

Resposta 2 - Sim. A Fé, no entanto, subjuga a Razão. A razão pode coexistir com a fé contanto que não a ataque. Assim, a Razão deve ser usada para compreender a Fé, mas não deve ultrapassar certos limites sob o risco da perdição da alma humana. "A Razão é somente um instrumento da Fé."

Resposta 3 - Não. A Razão e a Fé ocupam lugares distintos e, no plano humano, não permitem qualquer comunicação entre si. Devem, portanto, se manterem afastadas uma da outra para que não se corrompam mutuamente. "Eu uso a minha Razão num momento e uso a minha Fé em outro momento, nunca ao mesmo tempo."

Assim, estes três tipos de respostas, com suas respectivas argumentações, eram as mais usuais neste período filosófico. No entanto, não eram as únicas. Como já foi dito, o poder de repressão da Igreja neste período era tal que até mesmo a filosofia se retraiu sob o peso da cruz e da espada, não exercendo sua liberdade de reflexão e comunicação do pensamento em todos os níveis e direções possíveis.

O Renascimento

Lá pelos séculos XIV e XV, o Homem começou a redescobrir-se. Houve uma explosão de produção em todos os níveis de expressão humana, como as artes em geral e a filosofia. Estas manifestações artísticas e filosóficas realizaram um resgate de antigos ideais clássicos que se obscureceram durante o período medieval; de modo que este novo período que emergia passou a chamar-se de Renascimento.

A filosofia deste período voltou-se contra os limites que a Igreja havia criado ao pensamento crítico durante o período medieval. Temas terminantemente restritos por causa de certos preceitos pagãos, como a astrologia, a alquimia, a magia, a natureza, a astronomia, a fisiologia, além de outros, tornaram-se os preferidos pelos filósofos do renascimento. Eram tão diversos os temas e se espalhavam de maneira tão

abrangente sobre o pensamento, que alguns filósofos até se arriscavam às primeiras tentativas de um conhecimento prático, como foi o caso de Galileu, Giordano Bruno e Kepler. Também sabemos que Leonardo Da Vinci havia realizado pesquisas com fisiologia humana, arquitetura e com projetos de engenharia.

Um dos temas pagãos mais recorrentes na filosofia do renascimento talvez tenha sido o resgate de um tipo de doutrina greco-latina conhecida pelo nome de Panteísmo. Panteísmo era uma deidade greco-latina que corporificava os interesses da natureza; teísmo é a designação de uma doutrina de afirmação de uma divindade qualquer. Panteísmo quer dizer algo como Deus sendo a própria natureza; isto é, segundo o panteísmo, Deus e natureza se identificariam e poderiam ser explicados um pelo outro.

Um dos defensores mais famosos da doutrina panteísta na renascença do pensamento foi Giordano Bruno, que atribuía às estrelas, assim como ao restante da natureza, a verdadeira corporificação de tudo o que era divino por essência. O Panteísmo de Giordano Bruno era tão blasfemo para a Igreja que este filósofo italiano foi julgado pelo tribunal da Inquisição e, por fim, condenado à morte na fogueira por suas observações astronômicas que iam de encontro aos dogmas católicos.

Logo após a morte de Giordano Bruno na fogueira, foi a vez de Galileu Galilei, outro importante pensador e observador das estrelas, ser julgado pelo tribunal da inquisição. Oficialmente, foi a Galileu atribuída a invenção da luneta. Com este instrumento óptico, realizou várias observações que não referendavam a astronomia aceita oficialmente. Nesta época, havia duas teorias acerca de como a Terra, o Sol, a Lua e as estrelas se comportavam no espaço. Segundo a teoria oficial, a de Pitolomeu, que ainda datava do período antigo, a Terra se encontrava imóvel no centro do universo, enquanto todos os outros astros giravam em torno dela, presos às famosas esferas de cristal.

Havia, também, a teoria não oficial, a de Copérnico, segundo a qual era a Terra que se punha a girar em torno do Sol, sendo ela apenas mais um entre tantos planetas perdidos num universo ilimitado. A teoria pitolomaica estava muito mais de acordo com a crença de que Deus havia criado o mundo e, sendo ela a sua principal criação, juntamente com a do homem, nada mais justo que colocá-los num lugar privilegiado para a sua observação e deleite pessoal.

A teoria copernicana praticamente deixava o homem órfão de um criador ou, no mínimo, o encarava como uma criação de menor importância. Assim, o Homem, literalmente, deixava de ocupar o centro do universo e, metaforicamente, deixava de ocupar o centro da atenção divina.

A aceitação da astronomia copernicana nos leva a dois pontos básicos a respeito da totalidade do pensamento renascentista: o primeiro ponto é a recusa de explicações fenomenológicas baseadas nos dogmas da Igreja ou de explicações que existissem simplesmente para referendar estes dogmas; começava a nascer o pensamento de que a natureza pedia um tipo de explicação mais de acordo com os anseios experimentais humanos. O segundo ponto é a afirmação do Homem como o eixo em torno do qual devem girar as preocupações intelectuais e artísticas. Assim, ao se deslocar o homem do centro do universo para a sua periferia, metaforicamente o deixamos órfãos de um Deus que não o observa mais e, ao mesmo tempo, livre para começar a caminhar por suas próprias pernas, sem o peso de uma condenação divina.

Claramente percebemos os motivos, ainda que não o aceitemos, para a igreja ter queimado Bruno e se empenhado na condenação de Galileu ao mesmo destino. Porém, astutamente, Galileu preferiu pedir desculpas, se retratar perante a Igreja e retirar as suas afirmações que iam ao encontro das afirmações de Bruno. Deste modo, ele salvou sua vida, mas não deixou de pensar livremente como um verdadeiro homem da Renascença. Assim, Galileu é, até hoje, referência para a Mecânica moderna, pois foi dele uma das primeiras teorias modernas acerca do movimento dos corpos.

Os Filósofos da Renascença

Os filósofos da Renascença poderiam ser dispostos em três grupos mais ou menos separados. Um primeiro grupo, que se voltou para o pensamento platônico, formou-se com a descoberta de algumas obras que até então não haviam se revelado. Estas obras tratavam das linhas gerais do panteísmo, isto é, da ideia de que o homem não poderia ter sido gerado senão da própria Natureza e que somente a ela deveria prestar

culto, oferecendo seus serviços por meio de rituais, cultos e sacrifícios. Destes rituais e cultos adveio o ressurgimento da magia num sentido amplo, como a astrologia, a bruxaria e a alquimia.

Este pensamento era próprio dos gregos antes do surgimento da era cristã no século I. O que houve foi uma transposição destas formas de cultuar a natureza para uma época e um mundo já completamente transformados pela ideologia cristã, de um único Deus antropomórfico e que exigia total reverência. Por certo todas estas manifestações do desejo humano de controlar a natureza por vias não cristãs foram imediatamente associadas ao trabalho do demônio. Imediatamente, a Igreja respondeu com os Tribunais e as fogueiras: caso Giordano Bruno, Galileu, entre milhares de outros.

Um segundo grupo, também baseando-se em antigos ideais gregos, tentou revitalizar o regime político republicano. Eles lutavam contra o poder centralizador dos Papas e dos Imperadores, que não permitiam discussões públicas de suas decisões e que, por este motivo, frequentemente cometiam excessos políticos. Certamente houve, em algumas regiões, como em certas províncias italianas, uma abertura política que dava liberdades de expressão artística e intelectual. Estas províncias se tornaram ilhas de desenvolvimento cultural, onde se aglomeravam pintores, escultores, astrônomos, poetas, filósofos, numa efervescência intelectual que só poderia ser comparada com a antiga cidade de Atenas na Grécia antiga.

No entanto, por esta mesma época, as grandes navegações tiveram início e, com elas, a economia mercantilista e a descoberta do novo Mundo. Estes fatos econômicos e geopolíticos forçaram as nações europeias a um recrudescimento da autoridade dos Reis e do ideal imperialista. O regime republicano proposto pelos renascentistas naufragou uma segunda vez e só seria resgatado novamente no período posterior, com o Iluminismo.

O terceiro grupo tenta conciliar os pensamentos dos dois grupos anteriores. Resumindo, o importante é que o homem deve ser dono de seu próprio destino, não importa se isto se dê no âmbito da natureza, no âmbito religioso ou no âmbito político. É ele próprio, e não uma autoridade estabelecida, que deve decidir como viver a sua vida, quais crenças possuir, de que maneiras pensar. Assim, ele luta contra três frentes: contra um Deus opressor, cuja dimensão ele não consegue compreender; contra um governo tirânico, cujos interesses pessoais se colocam sempre à frente dos seus; e contra uma natureza cuja limitação física, espaço e tempo ele quer superar a todo custo.

No Renascimento, o humano ganha dimensões divinas ou traz o divino para as dimensões humanas. Símbolo disto é a imensa obra de Michelangelo "A criação de Adão", no teto da capela Sistina, na igreja de São Pedro, em Roma. Nesta fantástica amostra da pintura renascentista, Deus e Adão possuem as mesmas dimensões físicas, a mesma compleição muscular, a única diferença parece estar na idade, sendo Deus fisionomicamente mais velho que Adão. Deus está num plano um pouco superior e sendo carregado por um grupo de anjos. Esticando o braço, Ele quase toca Adão. Este, por sua vez, estica seu braço para que Deus o toque. No entanto, há uma incrível sensação ambivalente de que é Adão que está pintando Deus com o seu dedo, conferindo-lhe vida por meio da sua arte.

Como num espelho, Adão se reflete em Deus e vice-versa, numa estupenda bicondicionalidade e alternância de valores entre o divino e o humano. O pequeno espaço entre o dedo indicador de Adão e o de Deus parece infinitamente grande na imobilidade natural da pintura, é tentador supor nisto uma sutil referência à eterna posição superior de Deus que, ainda que drasticamente próximo ao Homem, jamais o toca, dando a impressão de planos estanques, de uma barreira intransponível entre o eterno e o temporal, entre o infinito e o finito, entre a perfeição e o erro, entre o êxtase e o desejo.

O Iluminismo

No decorrer do século XVIII, as ideias do Iluminismo sobre Deus, a razão, a natureza e o homem cristalizaram-se numa cosmovisão que deitou raízes e acabou por produzir avanços revolucionários na arte, na filosofia e na política. Iluminismo foi o movimento cultural e intelectual europeu que, herdeiro do humanismo do Renascimento e originado do racionalismo e do empirismo do século XVII, fundava-se no uso e na exaltação da razão, vista como o atributo pelo qual o homem apreende o universo e aperfeiçoa sua

própria condição. Considerava que os objetivos do homem eram o conhecimento, a liberdade e a felicidade. O Iluminismo foi chamado pelos franceses de *Siècle des Lumières*, ou apenas *Lumières*, pelos ingleses e americanos de *Enlightenment* e pelos alemães de *Aufklärung*.

Características gerais.

O Iluminismo avaliou com otimismo o poder e as realizações da razão humana, e a crença na possibilidade de reorganizar a sociedade segundo princípios racionais. Não ignorou a história, mas a encarou de modo crítico, sem aceitar a ideia de que a evolução da humanidade fosse inexoravelmente determinada pelo passado. Esse enfoque retirou do otimismo dos pensadores iluministas qualquer caráter metafísico. Ao contrário, a visão iluminista tinha por base a possibilidade, aberta a cada ser humano, de ter consciência de si mesmo e de seus erros e acertos, e de ser dono de seu destino: a confiança nos efeitos moralizadores e enobrecedores da instrução se completava na exortação a todas as pessoas para que pensassem e julgassem por si próprias, sem orientação alheia. A crítica iluminista dirigiu-se contra a tradição e a autoridade daqueles que se arrogavam a tarefa de guiar o pensamento, e contra o dogmatismo que os justificava.

Essa luta contra as verdades dogmáticas deu-se, na esfera política, com a oposição ao absolutismo monárquico. É certo que houve alguns casos em que monarcas apoiaram e estimularam as novas ideias, atitude que ficou conhecida como "despotismo esclarecido". Esse apoio não configurava uma aliança, pois era quase sempre superficial e ditado por conveniências políticas ou estratégicas.

A riqueza e complexidade do movimento iluminista teve como base alguns pontos gerais: em primeiro lugar, a influência que os empreendimentos científicos do século XVII e início do século XVIII tiveram sobre as novas ideias. Na astronomia e na física, por exemplo, Galileu Galilei, Johannes Kepler e Isaac Newton levaram a conceber o universo como "natureza", ou seja, como um domínio ou realidade dinâmica, regida por leis gerais que a razão sempre poderia acabar por descobrir. Em segundo lugar, e como consequência, a substituição da ideia de um Deus pessoal, responsável pelos acontecimentos humanos e eventos naturais, por um deísmo, que valorizava a ideia abstrata de Deus como princípio ordenador da natureza, "arquiteto do mundo" e criador de suas leis, mas que não intervém diretamente nele. Embora a ideia do deísmo não tenha sido compartilhada por todos os pensadores iluministas -- alguns mantiveram a crença em um Deus transcendente ao qual a humanidade concernia diretamente, enquanto outros radicalizaram suas opiniões e chegaram ao ateísmo --, essa foi a tendência dominante do pensamento da época.

Tudo isso levou à crença no "progresso histórico" da humanidade, concebido não como produto de um plano divino, mas como resultado da razão e dos esforços humanos. Formou-se assim pela primeira vez a ideia de "humanidade" como integração de todos os povos, acima de circunstanciais diferenças étnicas ou situações temporais ou espaciais. Como resultado lógico, a atividade e tarefa que os pensadores iluministas se atribuíam não ficou centrada na criação de grandes sistemas especulativos, e sim na difusão da cultura e na abertura de novas perspectivas para a compreensão da realidade. Os gêneros literários se diversificaram, surgiram inúmeras publicações, e a diversidade de temas de estudo e de reflexão firmou-se como um dos traços que permaneceram na cultura contemporânea.

Para avaliar globalmente o Iluminismo, deve-se levar em conta que, embora houvesse uma atmosfera cultural comum em quase toda a Europa, as diferenças nacionais e a existência de sistemas políticos distintos determinaram condições e pontos de vista diversos. O Iluminismo francês, por exemplo, foi mais anticlerical e de orientação política do que o Iluminismo britânico, o qual se desenvolveu em um país onde já havia se estabelecido uma monarquia liberal; já na Alemanha, o debate intelectual se concentrou em questões metafísicas e religiosas.

Desenvolvimento e principais tendências.

O Iluminismo produziu as primeiras teorias modernas seculares sobre a psicologia e a ética. O filósofo empirista inglês John Locke foi, de certo modo, o primeiro iluminista. Em seu *Essay Concerning Human Understanding* (1689; Ensaio acerca do entendimento humano), Locke rejeitou a escolástica, que baseava a explicação do mundo em conceitos, e recusou também o apriorismo cartesiano: para Locke, os objetos do

entendimento ou conhecimento não poderiam ser entidades constituídas prévia e independentemente dele, nem tampouco ideias inatas. Assim, considerou que, na ocasião do nascimento, a mente humana é como uma página em branco, uma tabula rasa na qual a experiência vai formando o caráter individual. Essas ideias, radicalizadas por David Hume, ensejaram uma nova visão da ética e da sociedade. As ações corretas e a organização social justa dependeriam do exercício da faculdade da razão.

Na França, a organização política não tinha a flexibilidade e funcionalidade do sistema inglês, de modo que a reação contra a rigidez hierárquica e a desigualdade levou quase forçosamente a ideais revolucionários, que apareceram de modo bem definido em obras como a do barão de Montesquieu, *L'Esprit des lois* (1748; *O espírito das leis*). Nela, o autor postulava um liberalismo de tipo britânico, assegurado -- e essa foi sua grande contribuição à filosofia política -- pela separação dos poderes executivo, legislativo e judiciário. Voltaire foi, em grande medida, o símbolo do "século das luzes" francês; atacou com dureza o absolutismo e a igreja, exaltou a razão e advogou um deísmo que assumiu algumas vezes formas quase místicas e irracionais.

Denis Diderot e Jean Le Rond d'Alembert produziram o grande monumento intelectual do Iluminismo: a *Encyclopédie*, obra portentosa que consistia numa série de artigos e ensaios de vários pensadores e especialistas, que versavam sobre o homem e suas "ciências, artes e ofícios". A *Encyclopédie*, que se estendeu por 35 volumes e teve notável influência intelectual na França e em outros países, deu grande importância ao progresso e à ciência. Jean-Jacques Rousseau foi uma das grandes figuras das Luzes. Para ele, a moral surge com a sociedade, pressupõe o princípio da ordem e exige a liberdade. A única sociedade política aceitável para o homem é a que está fundada no consentimento geral. Rousseau não preconizou a revolução nem incitou a ela, mas suas ideias influenciaram os revolucionários franceses. Por sua riqueza e originalidade, são também um marco inaugural do romantismo e uma das referências do pensamento moderno.

Na *Aufklärung*, destacou-se Christian Wolff. Diferente das *Lumières*, o Iluminismo germânico sofreu influência da reforma luterana e do empirismo de Locke, e apresentou grande atração pelas matemáticas. Todas essas tendências se incorporaram a um núcleo central representado pela problemática metafísica. A estética foi estudada principalmente por Gotthold Ephraim Lessing. Immanuel Kant é o resumo por excelência do Iluminismo e iniciou uma nova forma de pensamento.

Em outros lugares da Europa, as ideias iluministas penetraram menos. Na Itália, Giambattista Vico propôs uma definição e um projeto racionais da história, na qual distinguia três idades: a dos deuses, a dos heróis e a dos homens. Na península ibérica, o predomínio da teologia cristã tradicional tolheu as novas ideias, que encontraram maior difusão nas colônias hispano-americanas e no Brasil, e contribuíram para a formação do pensamento social e político dos líderes do movimento de independência.

Significado histórico.

O Iluminismo extinguiu-se, ao menos em parte, pelos excessos de algumas de suas ideias. A oposição às ideias religiosas e a usurpação da figura de Deus tornaram-no estéril e sem atrativos aos olhos de muitos para quem a religião era fonte de consolo, esperança e sentimento de comunhão. O culto quase ritualístico à razão abstrata, elevada à categoria de autêntica divindade, levou também a cultos de tipo esotérico ou obscurantista. E o período do "Terror", que se seguiu à revolução francesa foi um golpe para a convicção iluminista de uma sociedade justa e pacífica, fundada em princípios racionais partilhados por todos os cidadãos.

Os pensadores iluministas deixaram como legado a definição e desenvolvimento de muitos dos conceitos e termos empregados ainda hoje no tratamento de temas estéticos, éticos, sociais e políticos. E o mundo contemporâneo herdou deles a convicção, rica de esperanças e projetos, de que a história humana é uma crônica de contínuo progresso.

O Período Moderno: O Racionalismo

No período que sucedeu ao renascentista, encontramos os diversos pensadores voltados para um até então ignorado objeto de conhecimento, a saber: a própria capacidade humana de conhecer. O período Moderno do pensamento ocidental inaugura um forte movimento de introspecção filosófica. A questão era entender por quais vias poderia se dar o conhecimento, se por meio de alguma faculdade exclusiva do espírito (ou mente) ou se por meio de estruturas estritamente fisiológicas.

Assim, ao invés de se perguntarem "O que é o mundo?", os filósofos começaram a fazer a pergunta "O que é o sujeito que conhece o mundo?". Há uma segunda inversão e percebemos que, novamente, o eixo da investigação filosófica se desloca para focar o Homem no centro das discussões, necessariamente pela forte influência dos anos da Renascença. Podemos dizer que este deslocamento traduz-se no pensamento voltando-se sobre si mesmo. É o pensamento voltando-se para o pensamento, refletindo-se em si mesmo e se perguntando: "Como conheço?", "Como percebo o mundo?", "O que pode ser pensado?", "Será que realmente conheço o que penso conhecer?".

Este momento é o auge da dúvida no raciocínio, pois o que está em jogo é a própria capacidade de raciocinar. O ponto central é que as conjecturas sobre o conhecimento deveriam ser minuciosamente analisadas para se ter certeza de que não haveria erros de raciocínio. Isto fez com que este período também ficasse conhecido como Racionalismo. No entanto, esta certeza era algo quase impossível de se conseguir.

Uma das principais críticas pode ser rapidamente expressa da seguinte maneira: a capacidade de conhecer, a razão em última instância, não pode ser analisada por ela mesma. O esforço da razão sobre si mesma pode criar problemas que não existem ou, ainda, esconder os que existem. Como ela é o único critério de avaliação de si mesma, ela se torna um mau critério - e qualquer outro esforço de solucionar o problema torna-se inócuo. Seria mais ou menos como se, num tribunal, o juiz fosse encarregado de julgar a si mesmo.

Ainda assim, este período foi muito produtivo e acabou influenciando fortemente as tendências do pensamento subsequente a ele. Um dos resultados filosóficos mais importantes relativo ao racionalismo é a teoria da representacionalidade. Para compreender como funciona a capacidade do espírito em compreender a sua própria substância que é volátil, amorfa, incorpórea, ao mesmo tempo em que, supostamente, habita um corpo que é sólido, limitado e material, imaginou-se algo que pudesse fazer a ponte, a ligação, a intermediação entre estas duas substâncias aparentemente distintas entre si.

Esta intermediação entre o espírito (mente) e o corpo só poderia ser realizada com a assunção de algo que se colocasse a meio caminho entre eles, este algo era a Representação. A Representação é uma espécie de "invólucro" dentro do qual podemos colocar absolutamente qualquer coisa pensável. Por exemplo, as palavras que estamos lendo neste texto são representações gráficas da linguagem escrita e tentam significar alguma coisa; mas, também, há as representações sonoras da linguagem, que são as palavras que proferimos quando falamos; podemos simplesmente pensar em algo como em um cachorro, ou uma pessoa, e criamos uma imagem mental para qualquer destes objetos, isto também é uma representação; e assim por diante.

Tomemos a palavra escrita; ela é um símbolo, uma representação, e ela como que traz, dentro de si, por assim dizer, um significado que é aquilo que se quer transmitir com o símbolo. Assim é, por exemplo, quando digo "CASA". Imediatamente interpretamos esta representação gráfica como um objeto no mundo dentro do qual podemos morar. O objeto e a Representação não são a mesma coisa, não se confundem, no entanto podemos substituí-los segundo a nossa conveniência. Às vezes, é mais útil o uso do símbolo, às vezes é mais útil o uso do objeto. Assim, não podemos morar dentro da Representação, e seria de um transtorno enorme tentar carregar a casa nas costas para mostrá-la a um amigo.

Percebemos que sem as representações a vida diária tornar-se-ia impossível, pois já não poderíamos falar, ou pensar, ou escrever, ou fazer gestos etc. Também percebemos que as representações podem ser materiais ou não; por exemplo, podem ser palavras escritas ou simplesmente pensadas. Por esta razão, os filósofos modernos concluíram que a Representação é o intérprete do espírito para o mundo e vice-versa -

e acharam por bem sistematizar as representações em modelos. Modelos são representações que criamos para mais facilmente entendermos o mundo; por exemplo, podemos entender mais facilmente o funcionamento de um motor a combustão se analisarmos, primeiro, um modelo gráfico dele.

Astrônomos, lógicos, matemáticos, físicos, biólogos, químicos, e até mesmo filósofos, criam modelos para entender e explicar melhor seus respectivos objetos de estudo. Tomemos o exemplo dos astrônomos que criaram o modelo em escala do sistema solar com bolas de plástico, ou com equações matemáticas, para mais facilmente entender e explicar as circunvoluções dos planetas e seus satélites. Esta tendência em modelizar criou a impressão, nos filósofos racionalistas, que absolutamente tudo é modelizável e, sendo modelizável, sua explicação segue os passos da necessidade mecânica. Isto é, todos os movimentos possuem uma causa que é, em algum grau, física.

Foi nesse período que as máquinas se tornaram o modelo para quase tudo o que se move sobre a terra, inclusive os seres vivos, pois incorporavam a essência do mecânico, do modelo, da representação. O filósofo francês René Descartes chegou a usar o exemplo dos mecanismos de um relógio para explicar o funcionamento do corpo humano. Este tipo de explicação foi tão bem aceita que até nos dias de hoje a medicina vem tentando entender o funcionamento fisiológico humano como um mecanismo, como um mecânico tenta entender o funcionamento de um carro, ou como um relojoeiro tenta entender um relógio supercomplexo.